

O TEATRO COMO FERRAMENTA DE LEITURA: UMA EXPERIÊNCIA

Angélica Aparecida Campos Grígolo

RESUMO:

Muitos de nós, enquanto crianças, já adormecíamos ao som da doce voz de nossos pais, que nos abriam as portas do “País das Maravilhas”, ao ler os livros de histórias. Para onde vai o prazer infantil, quando essas mesmas histórias são reduzidas a fichas de leitura para serem entregues ao professor? A questão que se impõe aos professores hoje é a recuperação do prazer de ler, perdido já nos primeiros bancos escolares. Cabe a eles e a escola a busca de novas metodologias de ensino, como a inclusão de expressões artísticas na prática pedagógica, incentivando-se assim a interdisciplinaridade. Com base no livro Como um Romance, de Daniel Pennac, e através de diversas pesquisas teóricas sobre a formação do leitor, sobre a perda e a recuperação do prazer de ler e sobre métodos alternativos do ensino da literatura, iniciar-se-á uma experiência com alunos de 6^{as} e 7^{as} séries, do Ensino Fundamental. Essa experiência se dará através de atividades em sala de aula, utilizando-se da arte, mais especificamente do processo teatral, como alternativa à tentativa de recuperação do leitor adormecido. Sendo assim, o presente trabalho irá abordar a temática da literatura e seu ensino em sala de aula, apresentando resultados e conclusões extraídos dessas atividades de interdisciplinaridade.

Palavras-chave: Leitura – Teatro – Interdisciplinaridade

A FORMAÇÃO DO LEITOR E O PRAZER DE LER

Segundo Pennac, a criança enquanto leiga na arte das palavras, na maioria das vezes, recebe dos pais um incentivo à leitura, quando um deles senta-se ao seu lado a lhe contar uma história ou ler um livrinho, antes de dormir. Aí começa a formação do leitor, ainda pequeno, mas assíduo e fiel. Ou seja, nós formamos leitores assíduos, antes mesmo de aprenderem a ler.

Isso significa que quando os pais contam histórias ou lêem um livro para a criança antes de dormir, estão incentivando ela a viajar com esses livros, a entrar nas histórias, a quererem mais e mais. Formam uma dupla dinâmica, extremamente cúmplices: a criança, enquanto leitor, e os pais enquanto livros. Eles é que lhe ensinam tudo o sobre o livro, despertam nela o gosto pela leitura. Enfim, “Que pedagogos éramos, quando não tínhamos a preocupação com a pedagogia” (PENNAC, 1998, p. 21), ou seja, como eram importantes aqueles minutos de leitura em que preocupados apenas com o prazer da criança em ouvir histórias, os pais lhe ensinavam o valor pela leitura, o prazer

pelo conhecimento a vontade de aprender a ler mais depressa, para poder embarcar com mais freqüência nessas viagens, com mais emoções. Mal sabia ela que esse prazer poderia se tornar castigo ou obrigação.

Com o passar do tempo isso acaba por se tornar uma tarefa chata e incômoda para os pais, que deixam de fazer outras coisas “importantíssimas” como assistir TV, jogar conversa fora, descansar no sofá, para ficar contando histórias. Sendo assim, ser aquele contador de histórias era divertido no começo, quando a criança gostava de tudo que lhe contavam e na maioria das vezes pedia que repetisse a história, sem conversa, nada de novo, simplesmente a mesma. Porém mais tarde acaba se tornando um fardo, a criança começa a crescer, a querer coisas novas, a história repetida já não lhe serve mais e então o contador de histórias deve começar uma busca por mais livros. Ele julga que a criança já está grande e quer que ela conte uma história também, mas ela gosta de ouvir, ainda não sabe contar. Como a hora de leitura tornou-se maçante para os pais, se puderem passar a tarefa para outro, passam, ou então começam a utilizar como castigo, “não se comportou direito, não ganha história”. Tudo é motivo de fuga. Contudo nesse momento a criança ainda não dispensa a leitura por nada, sem a leitura sua noite fica vazia, sem graça, ela precisa daquilo para dormir bem.

Até que então, no momento mais oportuno, vem a escola. Ah! A criança tem seu contato com as letras, as palavras, os signos nos livros, não somente a história. E os pais acham que já é hora de seguir sozinha, pois a criança agora pode ler por si só. Também o professor, conforme o ano escolar em que a criança se encontra, começa a exigir dela um grande esforço, avaliado pelas fichas de leitura. Aí então, começam as dificuldades e o prazer em ler começa a tornar-se tortura.

Mas como pode um prazer se tornar uma tortura? É simples. Há uma expressão utilizada por Pennac que exemplifica bem essa situação, chama-se “verbo imperativo”, ou seja, sempre que algo é feito por obrigação, acaba tornando-se um sacrifício. Foi o que aconteceu com a leitura da nossa criança. O ato pedagógico de fazê-la ler para ensinar análise, ou concordância, ou pontuação, fazer fichamento, diferenciar estilos literários, o ato de listar determinados livros, e, diga-se de passagem, enormes para resumo, acabam com o pouco de prazer que ainda lhe restavam diante das dificuldades de aprender ler.

A criança ao aprender a ler, a escrever, sente-se emocionada por mais uma conquista, mas ao mesmo tempo, essa conquista lhe delega o poder e a responsabilidade de seguir sozinha no caminho da leitura. Para os pais ela já não precisa de ninguém para ler suas histórias, ela pode ler sozinha. Porém, não possui a mesma destreza de entendimento de antes, ela esbarra nas diversas dificuldades do aprendizado e já não gosta mais tanto. E assim, quando o professor passa a exigir dela leituras pré-determinadas, fichas de leitura, análises e resenhas, ela simplesmente não consegue mais ler, apenas se martirizar.

Embora se tenha deixado essa responsabilidade de leitura por conta da criança, não significa que os pais a abandonaram, pelo contrário se tornaram

exigentes demais. Qualquer pessoa quando bate de frente com as dificuldades acaba desanimando, e com a criança não poderia ser diferente. Ela sente-se desanimada, sufocada com a matéria de leitura, os professores exigem e seus pais obrigam-na a ler, a compreender o que está lendo. Os pais, em suas primeiras leituras, não se preocupavam em saber se ela estava entendendo, apenas se gostava ou não. Mas agora o sentido das palavras se perde em meio aos esforços de suas composições e à linguagem em geral, “um parto, cada sílaba” (PENNAC, 1998, p. 47), e os pais exigem que leia e releia novamente, que deixe de preguiça, inventam mil problemas para justificar a falta de interesse dos filhos, talvez não reconheçam suas dificuldades e limitações.

A professora exige, os pais exigem, mas, e aquele contador de histórias? O que aconteceu com aquele que juntamente com o livro e a criança formavam um elo a ponto de obter um leitor ideal? Não seria uma traição deixá-la sozinha agora, só ela e aquele “monte” de letras e códigos a decifrar? E onde foi parar aquele príncipe das histórias que lhe deixavam maravilhada? Hoje a criança já não consegue mais entender, não consegue se concentrar, ela lê, decifra os códigos, mas não consegue compreender o que as palavras lhe dizem, ainda mais sob pressão. Por isso muitas vezes a televisão toma o lugar dos livros, ela não exige esforços, é uma distração e o livro também o era, até que passou a exigir da criança um esforço enorme para a sua idade, para a infinidade de aprendizado que chegava até ela, e acabou se tornando algo pesado demais para uma diversão. “É isso...A televisão elevada à dignidade de recompensa...e, em corolário, a leitura reduzida ao nível de obrigação...” (PENNAC, 1998, p. 52).

Sendo assim, todo aquele encanto que a criança tinha com o livro, toda aquela gratuidade de ler por prazer, cai por terra, mediante ao esforço quase que sobre-humano, para a sua idade. A criança não mais lê, ela decifra códigos.

No entanto, uma vez apaixonado, sempre apaixonado. Ou seja, por mais que os jovens digam que isso é chato, que simplesmente não gostam de ler, o prazer não se perde assim. Mesmo que inibida toda leitura mantém-se por sua própria natureza. E o prazer de ler não se perdeu completamente, ele apenas sofreu um desvio, desgarrou-se, e não é difícil de ser reencontrado, mesmo que seja preciso descobrir como fazê-lo.

Ele desde o começo é um bom leitor que continuará a ser se os adultos que o cercam alimentarem seu entusiasmo em lugar de pôr à prova sua competência, estimularem seu desejo de aprender, antes de lhe impor o dever de recitar, acompanharem seus esforços, sem se contentar de esperar na virada, consentirem em perder noites, em lugar de procurar ganhar tempo, fizerem vibrar o presente, sem brandir a ameaça do futuro, se recusarem a transformar em obrigação aquilo que era prazer, entretendo esse prazer até que ele se torne um dever, fundindo esse dever na gratuidade de toda a aprendizagem cultural, e fazendo com que encontrem eles mesmos o prazer nessa gratuidade. (PENNAC, 1998, p. 55)

Lembrando que “os adultos que o circundam” são professores, pais, irmãos, tios, amigos, etc., a socialização de meio em que vive, pois se a criança não tem exemplos e incentivos ela dificilmente terá um hábito prazeroso relacionado à leitura, quem dirá tornar-se um leitor ideal.

Mas como os pais devem agir para continuar a incentivar e passar às crianças um prazer em ler? É simples, quando ela não sabia ler, os pais o livro e ela formavam a trindade, que acabou por formar um leitor ideal. Basta que os pais não a abandonem agora, que continuem a dedicar um pouquinho do seu tempo para ler com ela, uma leitura gratuita, sem cobranças, apenas para que relaxe e curta aquele momento. Com o tempo, surgirão questionamentos, conclusões, ela mesma vai querer ler, a qualquer momento do dia, e não somente ouvir, até que resolva “tomar o livro das mãos do pai” e ler por conta própria. Embora pareça uma medida inocente, é um grande passo para a independência literária da criança, para a aquisição da sua própria vontade de ler.

Contudo, cabe também ao professor buscar uma forma de resgatar esse leitor existente em cada jovem. Como? Encontrando maneiras alternativas de apresentar o livro ao aluno, voltando a sua atenção para a história nele contida, despertando esse leitor adormecido novamente para a gratuidade e o fantástico da literatura.

ARTES: A IMPORTÂNCIA DO TEATRO NA EDUCAÇÃO E NO ENSINO DA LITERATURA

Considerando o que foi dito anteriormente sobre o prazer da leitura constatamos que esse prazer, uma vez adquirido, jamais se perde, ele simplesmente fica adormecido dentro de cada criança, jovem, e até mesmo dos adultos. Contudo, ele pode ser recuperado, e para isso há necessidade de cooperação de todos, principalmente dos pais e dos professores, que são os maiores educadores.

Para os pais a tarefa mais importante é o apoio e o exemplo ao ato de ler, é procurar reconhecer as dificuldades da criança e tentar superá-las juntamente com ela, sem cobrar algo que ela não possa lhe dar. Já para os professores a tarefa é um pouco mais difícil, porém não impossível.

Na escola há uma preocupação quase que geral dos professores, pedagogos e diretores em cumprir o programa escolar, em fazer com que os alunos passem de ano, em passar toda a matéria possível, avaliar se o aluno decorou e pronto! Pode passar para o próximo ano. No entanto, poucos se preocupam em saber se o aluno está compreendendo, se ele está gostando das aulas, se está crescendo pessoalmente com tudo isso.

Quando a criança não lê, ou não faz as tarefas é porque ela é preguiçosa, é porque fica brincando e não quer saber de estudar. Mas e as dificuldades que ela está enfrentando? Será que o que está sendo pedido não é muito maçante

e cansativo ao invés de prazeroso? Será que está surtindo algum efeito ou simplesmente está torturando a criança?

Todas essas são perguntas plausíveis quando se trata de leitura. Na maioria das vezes para cumprir o programa, para obrigar o aluno a ler e poder avaliar, o professor seleciona alguns livros, marca um prazo e exige que este faça uma ficha de leitura, ou uma resenha, ou algo que prove que ele leu. Contudo, para o jovem aquilo é o fim. Ele até tenta ler, mas a leitura é o pior castigo que poderiam lhe dar.

Sendo assim, apesar de todos os deveres dos pais e suas artimanhas para obrigar o filho a ler, a escola tem um papel fundamental nessa busca pela volta ou pela manutenção do prazer de ler. Contudo, aquele jovem que o pai proíbe televisão, faz ficar trancado no quarto lendo, acaba tornando-se um prisioneiro e sua prisão é o livro. Ele tem de ler um livro, na maioria das vezes enorme, de 300 a 400 páginas, por exemplo, e fazer a ficha de leitura, ele não consegue ler, ir adiante e normalmente um dia antes de entregar a bendita ficha de leitura, lá está o aluno, diante do livro e com trezentas e poucas páginas ainda por ler. Assim, fica em seu quarto, madrugada adentro, vai passando as páginas, já nem sabe mais o que leu, até que resolve da maneira mais simples, liga para algum colega e copia a sua ficha de leitura antes da aula.

Então nos perguntamos enquanto professores até que ponto vale a pena exigir fichas de leitura, ter a ilusão de que todos os alunos irão ler, apenas ordenar o livro que devem devorar sem tentar despertá-los para aquela história, simplesmente com objetivo de escrever uma ficha de leitura. A maioria dos alunos irá copiar, não só os jovens, mas em qualquer idade na qual ainda não tenha sido despertado o interesse pelo livro. Por isso o professor tem essa missão de tentar resgatar o leitor que tem dentro de cada um de seus alunos, não apenas cobrando, mas incentivando.

É com essa visão que colocaremos em prática um método diferente de ensinar a literatura: o teatro. Despertar uma arte com outras formas de arte, estimulando-se assim a leitura e a produção de texto, bem como a expressão oral e corporal dos alunos.

Mas, por que o teatro?

Considerando os benefícios que a arte traz às pessoas, e lembrando que a escola também tem o dever de formar cidadãos, indivíduos aptos a viver em qualquer sociedade, observamos que o ensino da arte através do teatro tem uma grande importância na “formação psíquica e social do indivíduo, tendo como base da sua comunicação a palavra e o gesto, e entre estes a emoção descoberta no manejo do aparelho sensorial que o faz sentir e pensar”. (COELHO, 1978).

Uma das funções do ensino da literatura e uma das importâncias que se dá para o ato de ler é o fato de formar alunos com opiniões críticas, que saibam questionar, que saibam se comunicar e se expressar tanto oralmente como na escrita. Além disso, o trabalho da literatura com o teatro gera a espontaneidade, que pode e deve ser desenvolvida. Com ela a criança age

naturalmente, sem medo de estar cometendo algum erro, ela aceita a literatura e se auto-aceita, o que favorece muito o desenvolvimento de suas capacidades de expressão.

Juntamente com a capacidade de expressão, com a espontaneidade e com o desenvolvimento do raciocínio vem a imaginação e a criatividade. A literatura é imaginação. Quando se lê um livro, pode-se perfeitamente viajar com ele, criar situações novas a partir dele e desenvolver uma criatividade imensa, tudo através da imaginação. Para Reverbel (1993, p. 98):

A imaginação da criança se desenvolve a partir do seu conhecimento. Quanto mais elementos concretos o professor, a escola e o meio oferecem, mais rica se tornará a imaginação da criança.

Para criar imagens, recorreremos inicialmente à memória, porém, no domínio do imaginário, temos liberdade para criar irrestritamente. O professor deve dar condições para que a imaginação da criança se desenvolva, não a inibindo em suas descobertas, mas levando-a a questioná-las, de forma que ela possa, por si mesma, verificar suas contradições e refazer seus conceitos. Se o professor aceitar suas respostas e reflexões, estimulando-a com perguntas e comparações, a criança passará a refletir e a usar sua imaginação com mais liberdade.

Como um ato consciente, a imaginação pode levar a criança a buscar soluções não convencionais, para resolver uma situação usual, da vivência de cada um.

Imaginar uma situação e conseguir concretizá-la na sala de aula tem um significado muito profundo para a criança, influenciando de maneira positiva na sua postura diante de novas propostas e apelos do cotidiano.

Todavia, falar sobre os benefícios do teatro na educação e no ensino da literatura é simples, mas como aplicá-lo em sala de aula, de que maneira abordar um ensino diferenciado, considerando as dificuldades de cada escola, de cada aluno, como avaliar a capacidade dos alunos, que resultado esperar dessas atividades?

Não é simples, mas pode valer a pena. Essas atividades exigem um certo conhecimento do professor com relação às artes, e uma dedicação na tentativa de modificar o formato do ensino utilizando-se da interdisciplinaridade. Cada escola é diferente e cada pessoa é única, por isso o professor deve trabalhar atividades diferentes, mas adaptando, não só as atividades, como também a forma de aplicá-las, às condições de espaço, de materiais e, principalmente, à sua percepção das personalidades dos alunos com quem trabalha.

Quanto a avaliação, deve-se deixar um pouco de lado a forma tradicionalista de avaliar, através de provas, resenhas, fichas de leitura, etc. A literatura é gratuita, e sempre que a transformamos em obrigação, em dever, em fichamentos, ela perde essa gratuidade. É preciso sim avaliar, mas não só o resultado final, como acontece. É necessário observar o processo, não só cobrar, mas ajudar a desenvolver, incentivar, dar um “empurrãozinho”, que na maioria das vezes, todos precisamos para ir adiante.

No trabalho com a interdisciplinaridade entre literatura e teatro, “O resultado final, o sucesso na atividade, não é o importante.” (REVERBEL, 1993, P. 134). O processo de criação da criança e do grupo, a forma com que se utilizam das suas leituras para criar, o modo como atuam diante das dificuldades, todos esses são itens a se observar e avaliar, pois nos revelarão seu crescimento gradual e suas possibilidades de leitura, compreensão e expressão.

Sendo assim, podemos avaliar nossos alunos, fazer com que eles leiam e ainda ajudá-los a desenvolver suas habilidades de comunicação através da leitura e do teatro, ou qualquer outra forma de arte. Eles lêem, compartilham suas leituras com os outros e, muitas vezes, sem perceber acabam gostando da leitura, percebendo como ler é bom e lhe traz benefícios.

Enfim, conforme afirma Koudela (1990, p. 18): “A concepção predominante em teatro-educação vê a criança como um organismo em desenvolvimento, cujas potencialidades se realizam desde que seja permitido a ela desenvolver-se em um ambiente aberto à experiência. O objetivo é a livre expressão da imaginação criativa”.

E o que é a literatura senão uma livre expressão da imaginação criativa? Viajar pelas histórias e fazer parte delas? Com o teatro isso é possível. Além de ler a criança ou o jovem, ou qualquer leitor poderá representar o que leu, criar novos rumos para as histórias já conhecidas, ser o seu personagem favorito. Enfim, viver a literatura intensamente. Será essa uma esperança aos nossos quase naufragos literários?

LEITURA E TEATRO: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR

A interdisciplinaridade pode ser entendida como multidisciplinar, onde indicaria a existência de um trabalho entre várias disciplinas, sem que estas percam suas características ou seus limites, e também como inter-relação entre duas ou mais disciplinas, sem que nenhuma se sobressaia com relação às outras, mas que haja uma reciprocidade e uma colaboração com o desaparecimento de limites entre as áreas de conhecimento.

Segundo Richter (2002, p. 85):

Os trabalhos interdisciplinares são, muitas vezes, realizados sob a forma de projetos. Trabalhar com artes de uma forma interdisciplinar tem se mostrado muito importante (...) Não se trata de tomar as outras disciplinas e integrá-las às artes, nem colocar a Arte a serviço das outras disciplinas. Ivani Fazenda (1992: 8) diz que a interdisciplinaridade é antes de tudo uma questão de atitude, “uma atitude diferente a ser assumida frente ao problema do conhecimento, ou seja, é a substituição de uma concepção fragmentária para unitária do ser humano”.

Analisando esses conceitos de interdisciplinaridade, a importância que ela tem na educação, bem como observando a forma de ensino da literatura e da

prática escolar de leitura, foi avaliada, na prática, uma experiência interdisciplinar, envolvendo o processo artístico teatral e a prática de leitura em sala de aula.

Devido a uma prática comum nos cursos de licenciaturas, o Estágio Supervisionado, surgiu a oportunidade de trabalhar efetivamente o teatro com os alunos em sala de aula, na disciplina de Língua portuguesa.

O estágio realizou-se na cidade de Guarapuava, estado do Paraná, nas dependências do Colégio Estadual Visconde de Guarapuava, sob a supervisão da professora Elvira Dubeski, professora das turmas de 6^{as} séries e 7^{as} séries, as quais foi aplicado o estágio.

Desde o início percebi que apesar do tradicionalismo ela procurava ensinar seus alunos de uma forma diferente, trazendo atividades que os fizessem pensar, pesquisar, trabalhar os assuntos. Toda semana, uma aula era dedicada à leitura. Alguns alunos até aproveitavam o tempo para ler, afinal este era o objetivo da aula, porém outros, quase que a maioria deles, ficavam “matando tempo”, divagando sem nem mesmo olhar para o livro.

A professora tinha elaborado com os alunos um projeto que se chamava Clubinho da Leitura, onde os alunos deveriam ler vários livros, escolhidos por eles na biblioteca, fazer, em um caderno separado para entregar no final do bimestre, o fichamento de cada livro (isso era inevitável), mas também deveriam se reunir no mínimo quinzenalmente, para discutir e conversar sobre os livros lidos. Essas reuniões também deveriam ser registradas em um caderno. No final do bimestre era avaliado o caderno e cada clubinho, assim denominados os grupos, deveria fazer uma apresentação para a turma, relatando como foram os encontros, quais os livros que leram, quais mais gostaram, bem como deveriam elaborar cartazes fazendo propaganda dos melhores livros.

Passado o primeiro bimestre, a professora mencionou que gostaria de fazer algo diferente, já que as aulas de leitura não estavam dando muito certo. Conversando com ela pedi se poderia trabalhar teatro com os alunos, e utilizar os livros que possivelmente já tivessem lido. Ela me deu total liberdade e aí então começou um novo projeto.

Propomos aos alunos uma atividade diferente, que seria trabalhosa, porém divertida. Pedimos que cada grupo escrevesse uma peça teatral, envolvendo todos os livros, considerados como melhores, pelo grupo, ao longo do bimestre. Depois, além de escrever eles teriam que montar uma encenação, apresentar o teatro elaborado por eles, no auditório da escola, para os colegas da sala.

Passada a atividade veio o incentivo e o “empurrãozinho” para começarem. Eu fazia parte do grupo de teatro da Universidade Estadual do Centro Oeste, AsPirações, então, possuía algum conhecimento sobre o assunto. Partindo desse princípio resolvi incluir algumas dicas sobre teatro nas minhas aulas. Trabalhei com eles a construção do texto dramático, como ele deve ser feito, explicando alguns detalhes importantes do formato, do diálogo, enfim, nessas aulas trabalhei além de iniciação à produção de texto, a estrutura

de um dos gêneros literários. Isso tudo levando pequenas peças a serem lidas com a turma, para que tivessem um exemplo para começar.

Na seqüência viria a encenação. Nessa etapa, levei vídeos de peças curtas, de esquetes teatrais, algumas até apresentadas por nós na universidade, para que conhecessem um pouco do teatro amador, em seguida trabalhei algumas dicas de palco, que viriam a facilitar a montagem do trabalho deles.

Isso tudo parece não ter nada a ver com literatura, ou com as aulas de leitura, mas acompanhei cada passo do processo, e observei o esforço deles em reler os trechos dos livros, em lembrar as melhores passagens, em montar um texto, corrigi alguns por antecipação, que me pediram ajuda e dicas para melhorar. E depois todo esse esforço em transformar a literatura, um texto normal, em um texto dramático, viria acompanhado da adrenalina de apresentar para outras pessoas a sua criação, fazer isso de uma forma bonita, fazer a melhor peça.

Foi uma grande repercussão na escola, eles vinham no contra-turno para ensaiar, me pediam ajuda o tempo todo, até a professora de artes acabou se envolvendo, pois eles pediam algumas aulas para mostrar o resultado de alguns ensaios. Foi divertido.

No final juntamente com a apresentação, eles deveriam entregar a peça teatral em forma de um livro com referências bibliográficas e com a biografia de cada um dos alunos. Assim, foi possível avaliar como está a produção de texto deles, se as aulas sobre o texto dramático tiveram resultado, quais os livros que eles leram e como compreenderam a história (pois tiveram que “recontá-la” de outra forma), bem como anda o relacionamento em grupo, a coletividade e o desenvolvimento criativo e de expressão de cada aluno. A biografia foi para fazer com que os alunos escrevessem um pouco sobre eles, fazendo-os refletirem sobre si mesmos. Ao terminar esse trabalho tivemos uma lição, foi complicado para uma primeira vez, mas os alunos se empenharam e deram o melhor de si, nas leituras e nas elaborações das peças.

Outros bimestres vieram, outras atividades do currículo foram trabalhadas, mas ao final da minha experiência de estágio, eu queria saber como os alunos se sentiram com aquela atividade, o que eles acharam das aulas, se ajudou a acordar um pouquinho dos leitores adormecidos neles. É claro que temos ciência que não é com um único trabalho que isso vai acontecer, não é na primeira vez que todos estarão apaixonados pela leitura, mas com um trabalho progressivo, com uma lapidação em cada atividade, com uma persistência. Elaborei um questionário, fazendo algumas perguntas objetivas sobre leitura para nível de comparação e outras mais pessoais, para eu saber se tudo o que conhecemos sobre a importância da interdisciplinaridade, das artes no ensino da literatura e de outras matérias, se o empenho na busca da recuperação do nosso leitor adormecido, tem algum efeito nos alunos, mesmo que pequeno e, principalmente, se a atividade que eles fizeram naquele ano, fez diferença de alguma forma, se foi válida para eles, pois voltarei a dar aulas, e continuarei tentando trabalhar diferente.

As perguntas foram baseadas nas teorias que Daniel Pennac apresenta em seu livro. O resultado foi bom, mas entristecedor. Não tanto com os alunos, mas com os pais. A maioria dos pais incentiva e, muitas vezes, obriga seus filhos a ler, mas não lêem, não dão o exemplo. Quando falávamos que os pais não deviam abandonar a criança nesse momento de dificuldades, deviam estar junto com ela, percebemos pelo resultado da pesquisa que menos de 50% dos pais estão junto com seus filhos na hora da leitura. As crianças consideram o ato de ler importante e muito importante, mas muitos ainda lêem porque são obrigados, nem sabem direito se gostam de ler ou não.

Ao serem questionados sobre a atividade a grande maioria dos alunos responde que ela foi válida, pois muitos perderam a vergonha de subir num palco, outros gostaram de trabalhar com os livros de uma maneira diferente, alguns simplesmente não gostaram, mas fizeram os trabalhos. Assim muitos também tiveram que reler algum livro ou pelo menos trechos dos livros, o que sabemos proporciona um aprendizado maior, um contato maior com o livro.

Para finalizar foi perguntado se as atividades de incentivo os motivam de alguma forma a ler e se eles sentiam-se capazes de ler um livro por vontade própria, sem ser obrigados por alguém. Felizmente o índice de aprovação foi alto, boa parte deles sentem-se motivados a ler, e, embora não seja a grande maioria, 62% dos alunos disse que pegaria um livro para ler por vontade própria. E quando pedimos algumas dicas... Eles querem mais trabalhos com teatro, querem feiras de leitura, debates e também querem ouvir e compartilhar histórias e livros.

Temos um caminho longo ainda a percorrer, mas já sabemos que um esforço para melhorar, para incentivar nossos alunos a ler, para recuperar o leitor que existe dentro de cada um, pode ter recompensas maravilhosas. Além do carinho dos seus alunos, que foi o que recebi através de mensagens e recadinhos, futuramente ver alguém que foi seu aluno, “se dar bem na vida”, nos estudos e quem sabe até seguir uma carreira na educação, ver que seu trabalho foi reconhecido e que você fez a diferença para alguém é a maior recompensa, é a consciência de um dever cumprido.

CONCLUSÃO

Com esse trabalho foi possível perceber como os pais, a escola e, principalmente, os professores são importantes na tentativa da recuperação do prazer em ler. Aprendemos que todas as crianças, jovens, enfim, todos nós possuímos um leitor dentro de nós, que por muitas vezes pode estar adormecido, mas que precisa ser acordado.

Concluimos que os professores podem e devem utilizar-se de diversos meios para tentar trazer a tona os leitores adormecidos da sua classe, principalmente da interdisciplinaridade com as artes. Pois a experiência com o teatro e a prática da leitura mostrou que, embora pequeno, houve um resultado, uma aceitação, uma dedicação por parte dos alunos, e que eles também querem mais coisas assim, querem algo a mais do que serem

obrigados a ler e a fazer fichas de leitura, eles querem ação e o professor deve trabalhar isso.

Considerando o que foi dito sobre atividades interdisciplinares, percebemos claramente que não só a arte é interdisciplinar, e nem só a literatura pode usufruir deste meio, mas todas as matérias. E sobre isso, Reverbel (1993, p. 155) faz um comentário sobre as atividades que enfatizam o desenvolvimento das capacidades de expressão do aluno:

O professor poderá, sem dúvida, aplicá-las no ensino de qualquer uma das disciplinas do currículo pleno. Acreditamos que se o aluno desenvolver suas capacidades de expressão, ou seja, espontaneidade, percepção, observação, imaginação e relacionamento grupal, estará aberto para todo o tipo de aprendizagem.

O professor das diversas disciplinas, com Língua Portuguesa e História, por exemplo, podem-se utilizar das atividades de expressão para, ao trabalhar o conteúdo, fugir das formas tradicionais de avaliação através de exercícios escritos e provas, pedindo aos alunos que os desenvolvam dramaticamente.

Foi o que fizemos, fugimos dos moldes tradicionais de avaliação, para trazer a arte teatral para a sala de aula. Para fazer com que nossos alunos viajassem com os livros, pudessem ser seus personagens favoritos e representar, por um momento, a vida de outra pessoa.

Assim é o teatro e a literatura: imaginação e criatividade, viagens e sonhos, real e fictício, e todos precisamos deles para continuar vivendo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Paulo. *O teatro na Educação*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

KOUDELA, Ingrid Dormien. Teatro e/ou educação? In: KOUDELA, Ingrid Dormien. *Jogos teatrais*. São Paulo: Perspectiva, 1990. (Debates, 189).

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

REVERBEL, Olga Garcia. *Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressão*. São Paulo: Scipione, 1993.

RICHTER, Ivone Mendes. Multiculturalidade e Interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana Mae (org.) *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.